

O universo de  
Camões chega à  
literatura de cordel

PÁGINA 4



Brasil chora a  
morte do alegre  
Caçulinha

PÁGINA 7



No streaming ou  
bancas, Batman  
está em toda parte

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

Caetano e Bethânia estreiam  
turnê com canção de Iza, louvor  
evangélico e homenagem a Gal

# O show mais aguardado do ano

Considerado o espetáculo mais esperado no ano, Caetano Veloso e Maria Bethânia estreiam a sua turnê na noite de sábado (3) na Farmasi Arena

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

O show de estreia da turnê de Caetano Veloso e Maria Bethânia - no último sábado na Arena Farmasi, na Barra da Tijuca - já estava na reta final quando os irmãos entoaram energicamente o refrão: “Fé pra quem é forte/ Fé pra quem é foda/ Fé pra quem não foge à luta/ Fé pra quem não perde o foco/ Fé pra enfrentar esses filha da puta”.

Mais do que uma das maiores surpresas do repertório, a canção “Fé”, de Iza, carrega expressa em seu título um dos temas centrais do espetáculo -- num roteiro que inclui home-

nagens a Gal Costa e à Mangueira, referências a Santo Amaro natal e memórias de encontros anteriores da dupla, como o show que fizeram em 1978 e o grupo os Doces Bárbaros, que integraram ao lado de Gal e Gilberto Gil.

“Fé” foi uma das maiores surpresas exatamente porque ela divide o posto com outra canção que toca diretamente no tema. O louvor evangélico “Deus Cuida de Mim”, cantado por Caetano em seu momento solo do show, foi recebido pela plateia em silêncio. Uma reação que poderia ter sido lida como frieza, mas talvez seja melhor explicada como perplexidade.

Perplexidade que teve início quando Caetano a anunciou: “O fato de o número de evangélicos crescer enormemente no Bra-

sil tem uma enorme importância para mim”. O público parecia não saber que a canção foi gravada pelo baiano em dueto com o pastor Kleber Lucas, em gravação lançada em 2022. Tampouco que o olhar de Caetano sobre os evangélicos, como ele deixa evidente há anos em entrevistas, tem bem mais nuances do que a imagem que o senso comum projeta sobre esse grupo religioso.

Interessante perceber que, aos 82 anos, Caetano ainda é capaz de surpreender e provocar incômodo no público num show em que não havia a menor expectativa de desconforto, apenas de celebração. Ele também sabe ser careta, afinal, como disse em outra das canções presentes no repertório. Canção que, importante notar, conclui pedindo

à vaca profana - portanto, sagrada ao avesso - que despeje chuva de leite bom (bênçãos?) sobre os caretas.

O desconforto da plateia, porém, foi breve e localizado - descontados os problemas de som que levaram a plateia a protestar mais de uma vez. A expectativa de celebração se cumpriu desde o primeiro momento, quando os irmãos entraram no palco já sobre os primeiros acordes de “Alegria, alegria”. Posta ali, a canção soa como declaração de intenções do show e da existência de ambos. Afinal, seus primeiros versos, “Caminhando contra o vento/ Sem lenço, sem documento”, exalam liberdade, assim como seu final, que repete como desafio a pergunta “Por que não?”.

Continua na página seguinte

Já nos primeiros minutos, estava posta a grandiosidade do espetáculo, idealizado para arenas - em quase todas as cidades por onde passará, a turnê será apresentada em estádios. O gigantismo se mostra em termos visuais, com o fundo do palco tomado por sete painéis verticais que funcionam como telões onde são projetadas imagens ao vivo do show e grafismos ou fotos, compondo o cenário. Além deles, há mais dois telões laterais. O da direita é dedicado a Caetano, enquanto o da esquerda mostra Bethânia.

A grandiosidade se mostra também na perspectiva musical. A banda reúne 14 músicos, com quatro sopros (Joana Queiroz, Jorge Continentino, Diogo Gomes e Marlon Sette) e dois percussionistas (Thiago da Serrinha e Pretinho da Serrinha, anunciado como “participação especial”) que conduzem o ritmo com o baterista Kainã do Jêje. Lucas Nunes e Paulo Dáfilin se dividem nos violões e outros instrumentos de corda. Completam a formação o baixista Jorge Helder, o tecladista Rodrigo Tavares e os vocalistas Janeh Magalhães, Jane Rocha e Fael Magalhães.

Os arranjos também apontam a exuberância. A elegância e a potência dos sopros dialoga com a riqueza rítmica que traz não só ecos do Recôncavo Baiano de onde Caetano e Bethânia vieram, mas também dos mil Brasis que eles sintetizaram ao longo de suas carreiras. “Você não me ensinou a te esquecer” recende a maculelê e samba-reggae em meio a sua atmosfera de ultra romantismo; o refrão de “Gita”, de Raul Seixas, soa como um impossível spiritual jongo; o trio de vocalistas destila a tradição do gospel à brasileira; o samba de roda é celebrado num bloco de canções, assim como o ijexá em momentos como “Filhos de Gandhi”, de Gilberto Gil, e “Milagres do povo”.

Essas duas canções, aliás, são atravessadas pela ideia da fé religiosa presente na música de Iza. O mesmo acontece com “Dedicatória”, homenagem à Mãe Menininha que Caetano escreveu para Bethâ-



Considerado o espetáculo mais esperado no ano, Caetano Veloso e Maria Bethânia estrearam a sua turnê na noite deste sábado (3) na Farmasi Arena na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.

# Grandiosidade do início ao fim

nia cantar e que também está no repertório do show. Mesmo “A tua presença morena” pode ser incluída aí - a cantora já chegou a mencionar que o irmão a compôs para Nossa Senhora.

Entre orixás e Jeovás, porém, a grande divindade que se celebra no espetáculo é aquela que Caetano chamou de “um dos deuses mais lindos”, o Tempo. “Oração ao Tempo”, a canção que traz esse verso, aparece na primeira - e mais instigante - parte do show, na qual eles se voltam de maneira mais funda, numa perspectiva por vezes existencial, para suas origens em comum: a Santo Amaro de “13 de maio”; a Dona Canô de “Motriz”; a

outra mãe que compartilham, Mãe Menininha, na já citada “Dedicatória”; o personagem de “Um índio”, que guarda passado e futuro dos irmãos, de todo o mundo.

O corpo deles é testemunho vivo do Tempo, deus lindo. O vigor, sobretudo em Caetano, é medido. Os gestos de ambos, quando sérios, carregam mais contundência e gravidade do que nunca. Já a alegria expressa em seus rebolados sutis - saudados pelo público com palmas e urros - não tem nada de vã, pelo contrário, exala sabedoria.

No segundo momento do show, Caetano e Bethânia fazem sets separados, privilegiando sucessos. Caetano canta, por exemplo, o

super-hit “Sozinho” como o consagrou, no formato voz-e-violão - desta vez com o reforço do violão de Lucas. Bethânia, por sua vez, lembra canções como “Negue”.

A homenagem a Gal surge na parte final, com os dois novamente reunidos no palco. O trio se cruza nas duas canções escolhidas para o tributo. “Baby”, lançada por Gal, nasceu de uma encomenda de Bethânia de uma canção que usasse a palavra “baby” e tivesse o verso “leia na minha camisa”. E “Vaca Profana”, clássico do repertório de Gal composto pelo baiano, menciona um “amor Bethânia”.

“Gal para sempre”, disse Caetano antes da homenagem. “Gal foi o

mais perfeito eco da bossa nova e a mais bela tradução do que tinha de mais rock’n’roll no tropicalismo”. Bethânia repetiu: “Gal para sempre”.

É ao deus Tempo que Caetano e Bethânia se dirigem na última música do show: “Tudo de novo”, a canção que abria os shows da primeira turnê que fizeram juntos, em 1978. Ou seja, o fecho de 2024 se liga ao início de 1978, num ciclo. Seus versos afirmam “a mesma grande saudade”, “a mesma grande vontade”, “tudo de novo”. Noutras palavras, o amor pelo que passou e o desejo quente pelo presente, ambos se repetindo ao longo das décadas - agora, mais uma vez.

# Música que une gerações

Pai e filho, Victor Chicri e Vic Delnur criam em conjunto o álbum 'Orlas'

**C**om imagens do mar com algo que nos cerca, nos aproxima e nos distancia entre os continentes, Orlas nasce criando pontes. Projeto que une Victor Chicri e Vic Delnur, pai e filho, com uma química musical que vai do disco-funk ao brazilian boogie passando pelo samba-jazz e bossa nova. O álbum de estreia "Viver o Mar" está disponível para audição nas plataformas digitais.

"Fazer algum projeto com meu pai era algo que era pra acontecer. Meu primeiro contato com a música veio através dele e da minha mãe. Eu tinha esse disco praticamente pronto, e resolvi chamar meu pai pra escrever



Divulgação

**Victor Chicri e Vic Delnur, pai e filho, dividem o álbum**

os arranjos de cordas. Em seguida, ele gravou os pianos, e ali ficou claro, o Orlas era pra ser eu e ele", conta Vic Delnur.

Ele é multi-instrumentista e produtor musical e fez turnês mundiais com sua antiga banda de rock indie psicodélico Water and Man. Recentemente se destacou como produtor e performer ao vivo, colaborando com artistas como Sessa, Mahmudi, Luciane Dom e Trella.

Seu pai é uma lenda do mercado musical brasileiro. Victor Chicri é maestro e pianista e começou sua carreira na década de 70. Ele se destacou em gravações, produções e performances ao vivo ao lado de grandes nomes da MPB, como Gal Costa, Seu Jorge, Bebel Gilberto, Simone e Emilio Santiago. Chicri levou sua música ao redor do mundo, incluindo uma performance notável no Mon-

treux Jazz Festival, onde dividiu o palco com a orquestra de Quincy Jones. Sua carreira é marcada por muitas produções premiadas com discos de ouro e platina, além de um Grammy Latino.

"Eu cresci vendo ele tocando, produzindo. Me arrependo de nunca ter tido aulas com ele de piano, ou de algum outro instrumento. Mas observar também é estudar, e trouxe muito pra minha vida musical o que pude vivenciar perto dele", Vic conta.

Hoje morando nos Estados Unidos, pai e filho se reinventam e reencontram nas 11 faixas do debut, que conta com participação de Luciane Dom em "Um Par" e Gabi Delnur em "Imensidão". "Viver o Mar" representa encontrar a essência da vida no abraço do oceano, onde a alegria pura é descoberta na simplicidade e o amor na beleza da natureza.

"Eu cresci na praia, desde pequeno sempre tive contato com o mar. E quando me mudei pra Nova York, descobri que aqui também tem praias, diferentes do Brasil, mas tem! Algumas te cobram entrada, outras têm restrições para banhistas e surfistas, e outras você nem pode entrar se não tiver o 'passe anual' no vidro do carro. 'Viver o Mar' fala de algo simples, onde a praia é pra todos, o ano todo disponível e livre", reflete ele.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Vamos falar de TDAH?

A banda de rock alternativo canadense A Short Walk to Pluto reflete as lutas internas do TDAH de forma poderosa e confiante. "Little Choice" é uma faixa com referências de hard rock e um vocal poderoso como uma nova dose de confiança contra distrações internas. A faixa chega junto de um clipe. A banda é composta por Emma Armstrong nos vocais principais, Max Kaiser na guitarra principal, teclados e sintetizadores, Danny Moriana no baixo, vocais de apoio e sintetizadores e Jake Biggs na bateria e percussão.

Divulgação



Divulgação



### Não é por acaso

Parte do coletivo Canetaria, Marília Lopes é uma das maiores compositoras do pop contemporâneo. Mostrando seu talento multifacetado, a cantora paulistana promete para 2024 um compilado de singles impactante. O primeiro deles - "Coisa do Acaso" promete mostrar que em sua carreira - nada por acaso - o talento é força motriz. O projeto, cujas letras passeiam pelo melhor da nova música popular brasileira, entrelaçadas em arranjos percussivos. Em oito músicas inéditas, Marília colabora com grandes nomes da música brasileira, como Carlinhos Brown e Rashid.

Henrique Freire/Divulgação



### Bençãos de Mautner

A multiartista carioca Tatiana Dauster se prepara para lançar seu novo álbum de estúdio, "Origami". O carro-chefe do álbum é "O Amor é Fatal", parceria inédita com o mestre Jorge Mautner. Intenso como uma paixão, a música foi um marco na vida e obra da artista. "O Mautner é um marco pro disco. Em 2015, eu o conheci e chamei ele para fazer o meu show no festival Verão no Castelinho. Nós lotamos o lugar e desde então, criamos um carinho um pelo outro. Na pandemia, eu falei que estava fazendo um disco e queria fazer uma música com ele e ele me ofereceu um poema", conta.

Gabriel Cabral/Folhapress

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



### Zeze di Camargo diz que até hoje evita Lulu Santos

## Zeze di Camargo revela mágoa antiga com Lulu Santos

Zeze Di Camargo deu nome e sobrenome de um cantor que procura manter a distância: Lulu Santos. Eler tem mágoas do intérprete de “Um Certo Alguém” e “Toda Forma de Amor” e isso vem desde o início do anos de 1990. “Não só evito, como já evitei, Lulu Santos. Ele fez muitos comentários e piadas sobre o sertanejo na

época em que o ritmo surgiu”, reconheceu Zeze. “Em uma ocasião, ele estava contando uma história no programa do Jô Soares sobre o porquê detestava o sertanejo. E mencionou que, enquanto estava tratando um dente e ouvia sertanejo, achava que o ritmo era comparável a uma dor de dente”, disse o cantor em entrevista.

### Força nas telas

“Deadpool & Wolverine” superou a bilheteria dos longas da franquia com apenas duas semanas. A produção somou US\$ 824 milhões, um pouco mais de R\$ 4,7 bi na cotação atual, e ultrapassou as bilheterias de “Deadpool” (2016) e “Deadpool 2” (2018).

### Carga extra

Nesta terça (6), às 12h, o Rock in Rio abre venda extra de ingressos para todos os sete dias do evento, inclusive para aqueles que estavam esgotados: 13, 14, 20 e 22, em que Travis Scott, Imagine Dragons, Katy Perry e Shawn Mendes serão os headliners.

### Força nas telas II

Além disso, “Deadpool & Wolverine”, da Marvel, que já havia quebrado o recorde de maior bilheteria de abertura de um filme para maiores nos Estados Unidos, também leva o título de maior bilheteria de todos os tempos na mesma classificação.

### Carga extra II

Os ingressos possuem os mesmos valores da venda geral e são sujeitos à disponibilidade. Para os interessados, basta entrar no site da Ticketmaster, o único meio oficial de adquirir os ingressos; e seguir os passos para realizar a compra.



**Cego há 11 anos, Assis Ângelo, jornalista e pesquisador, escreveu mentalmente as 247 estrofes do cordel**

# O universo de Camões chega ao cordel

Adaptação de ‘Os Lusíadas, marco da poesia em língua portuguesa, ganha versão em braille

O poeta, jornalista e historiador de cultura popular Assis Ângelo lançou, em braille, sua adaptação em cordel de “Os Lusíadas”. Batizada como “A Fabulosa Viagem de Vasco da Gama”, a obra está sendo lançada em duas versões, ambas em formato de revista. Uma comum e a outra com os pontilhados em relevo do braille, para cegos, e tinta com fonte ampliada, para pessoas com baixa visão.

Ângelo, de 71 anos e que está cego há 11 anos, criou os versos em cordel após escutar uma um audiolivro da obra máxima do português Luís Vaz de Camões.

Além de marcar os 500 anos do (provável) nascimento do poeta, em 2024 também se comemoram os 200 anos em que o francês Louis Braille, com apenas 16 anos de idade, apresentou seu sistema

de leitura para cegos. Assis Ângelo escreveu mentalmente 247 estrofes de seis versos cada, todas elas com rimas em “ar” e sempre terminando com a palavra “mar” na última linha. Depois as gravou, e elas foram colocadas no papel por amigos.

“Aqui neste ambiente/ Eu venho para contar/ A história de um homem/ De força espetacular/ Que nunca fugiu à luta/ Nem na terra nem no mar”, começa o paraibano, na primeira estrofe.

Dono de uma vasta biblioteca de cultura popular, que inclui cerca de 8.000 folhetos de cordel, em seu apartamento nos Campos Elíseos, na região central de São Paulo, o paraibano diz que, apesar de sua versão ser menor que “Os Lusíadas” (são 1.102 estrofes com oito versos), todos os personagens da obra aparecem em sua versão.

“E criei dois repentistas, que

abrem e finalizam a saga”, contou ele nesta quinta, enquanto dava uma pausa na audição de “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley.

“Vejo essa obra como um presente para aqueles que nasceram sem visão e para aqueles que a perderam, como eu”, afirmou o poeta, que teve descolamento de retina. Segundo dados do IBGE, em 2010 o Brasil tinha 506 mil cegos e outra 6 milhões de pessoas com baixa visão.

A publicação do livro é resultado de um projeto desenvolvido pela Casa de Conteúdo que contou com recursos do Proac, o Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo. Já o Memorial da América Latina é correalizador do evento gratuito desta sexta.

Segundo Sylvia Jardim, da Casa de Conteúdo, foram impressos 150 exemplares em braille para doação para instituições de todo o Brasil. Já a versão comum deve ser oferecida por demanda em site de impressão, com entrega em casa, por cerca de R\$ 45. O audiolivro ainda não tem o preço definido, mas será gratuito para entidades que trabalham com deficientes visuais.

“Vejo ‘A Fabulosa Viagem’ como uma montagem teatral”, diz a produtora cultural, indo ao encontro de um desejo de Ângelo, que vê sua obra como uma ópera popular.

“O que eu mais gostaria que acontecesse é que essa ópera chegasse aos palcos, com cada personagem sendo interpretado por atores, músicos e bailarinos cantando essa fabulosa viagem em formato de cordel”, disse o autor.



Divulgação

Los de Abajo

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**elebrizada no audiovisual como cenário (e polo de produção) de filmes icônicos como “Azyllo Muito Louco” (1970), Paraty, o lar da Flip, renovou a vocação cinematográfica de suas terras e de sua gente na semana passada, ao acolher um festival capaz de unir grifes autorais e debates sobre os novos rumos da imagem em diferentes mídias. A efervescência que lá se passou se deu sob a curadoria dos irmãos Jane e Bruno Saglia. Os dois foram responsáveis pela maratona cinéfila de Vassouras, em 2023, e repetem os acertos agora numa outra paisagem, debruçados sobre o interesse em levar cineastas de diferentes gerações - e de propostas estéticas distintas - para rincões do Rio que são afastados, algumas horas, da agitação metropolitana.

Para o mercado exibidor, o evento deu holofotes a lançamentos que já, já estouraram em circuito, como a dramédia “De Pai Para Filho”, de Paulo Halm, que estreia nesta quinta. A noite de sábado da mostra competitiva organizada pelo Saglia ganhou tons comovidos graças a essa história de amor entre um vendedor de ferragens (Juan Paiva) e uma viúva (Mia Mello), mediados por um fantasma camarada (vivido por um inspirado Marco Ricca).

# Paraty em tempos de cinema

Festival levou a cidade onde foi rodado ‘Azyllo Muito Louco’ a um passeio por estéticas autorais e pelos debates que hoje agitam o audiovisual

Marcelo Gibson/Divulgação



De Pai Pra Filho



Divulgação

Esta Noite Seremos Felizes

Toda a agitação do Festival Internacional de Paraty começou na última quarta, com a projeção do curta-metragem “Esta Noite Seremos Felizes”, de Diego dos Anjos. Sua narrativa cresce em tela apoiada pela química entre dois colossos, Bete Mendes e Othon Bastos, unidos numa relação outonal. Na sequência, a programação desfilou longas de realizadoras consagradas, como Lúcia Murat (em concurso com “O Mensageiro”) e Susanna Lira (no páreo do evento com “Fernanda Young - Foge-me ao Controle”), e acolheu a première do thriller “Atena”, de Caco Souza, com Mel Lisboa.

Em sua mirada estrangeira, os Saglia emplacaram um achado ao buscarem da Bolívia o potente “Los De Abajo”. Amparado numa montagem enervante, o longa de Alejandro Quiroga é uma espécie faroeste marxista sem tiros, com bicicletas no lugar de cavalos. Há pistoleiros, sim, mas do lado dos capitalistas, sintetizados na figura nefasta de um agente da gentrificação do campo, um cruel latifundiário vivido pelo argentino César Bordón (de “Relatos Salvajes”). O personagem dele quer oferecer uma ninharia por terras de pobres aldeões que sofrem com a falta de água. Cabe a Gregório desafia-lo. Tem bons motivos pra isso, fora a sanha heróica que o espírito denunciata do longa dá a ele. Ele tem um filho pequeno.

E fará de tudo para resguardá-lo, o que garante ao longa um colorido vivo. Vale lembrar que esse sóbrio trabalho de Quiroga é coproduzido pela MyMama Entertainment, do Brasil; Río Azul, da Argentina; e Chirimo-ya Films da Colômbia.

Nas rodas de conversa, Jane e Bruno Saglia apostaram em tônicas ambientais e industriais, trazendo o cineasta Cavi Borges e os críticos Raphael Camacho e Francisco Carbone para um bate-papo sobre formas de fruição doméstica das narrativas fílmicas, indo da cultura das locadoras ao streaming, passando pela programação de circuitos alternativos. No quesito memória, os organizadores do festival prestaram uma homenagem ao ator José Wilker (1946-2014), morto há uma década. O tributo incluía a exibição de marcos de sua carreira, como “O Homem da Capa Preta” (1986).

O que fica como saldo do empenho dos Saglia é um esmero em construir uma ponte entre passado, presente e futuro da telona, debatendo a inclusão social e as pautas de pertença e de equidades que hoje movem o Brasil para novas e democráticas direções. A aposta em curtas de peso - como “Lagrimar”, “As Marias” e o delicado “Como Chorar Sem Derreter” - atestam a diversidade da programação em múltiplas latitudes.

# Da pedra se faz um grito de liberdade

Espectáculo em cartaz no Espaço Sérgio Porto apresenta a trajetória de um teatro criado por artistas da Palestina e de Israel

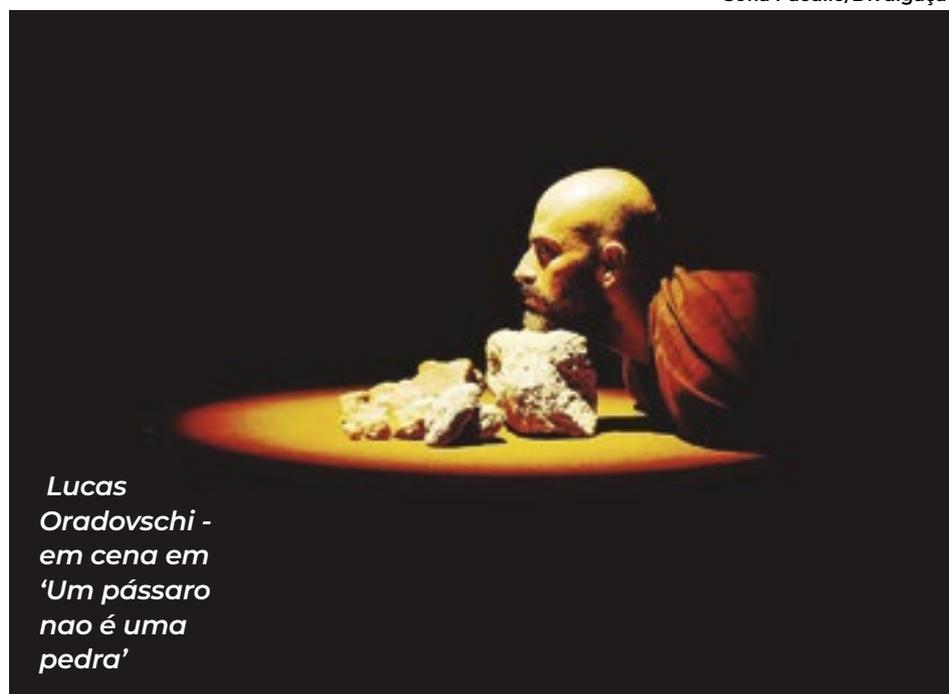
**N**os anos 1980, num campo de refugiados em Jenin, na Palestina, Arna Mer, judia israelense, e Samira Zubeidi, árabe palestina, criaram o Teatro de Pedra, que atendia milhares de crianças e foi destruído pelo exército israelense. Vinte anos depois, nos anos 2000, os filhos dessas duas mulheres criaram o Teatro da Liberdade, ainda de pé e indicado ao prêmio Nobel da Paz de 2024. Com idealização e atuação de Lucas Oradovschi, o monólogo “Um pássaro não é uma pedra”, em cartaz no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, conta essas histórias a partir da perspectiva de uma pedra, um pedaço de escombro de um teatro destruído.

A direção foi feita coletivamente por Adriana Schneider, Cátia Costa e Mar Mordente, a partir de dramaturgia de Adriana Schneider, Cátia Costa, Daniel Bueno, Lucas

Oradovschi e Mar Mordente e texto de Daniel Bueno e Lucas Oradovschi.

“Eu ouvi essa história durante o meu mesurado e fui completamente atravessado por ela. Eu precisava contá-la para o mundo. Ela mostra as possibilidades de aliança em meio à guerra, alianças que vão além das diferenças étnicas, culturais, religiosas...”, conta Lucas Oradovschi, ator de ascendência judia, que busca tratar com poesia questões políticas e sociais atuais e que nos são urgentes. “Eu percebi que essa não é apenas uma história que dialoga com uma realidade da guerra atual no oriente médio. Ela se relaciona também com a nossa história brasileira e latino-americana, tão mergulhada em violências coloniais, históricas, atuais”, completa.

O Teatro de Pedra foi criado pela israelense Arna Mer e pela palestina Samira Zubeidi, no final dos anos 1980. O nome é uma ho-



Lucas Oradovschi - em cena em 'Um pássaro não é uma pedra'

menagem às pedras atiradas pelas crianças palestinas contra os tanques israelenses. Duas mulheres, duas mães, uma judia e outra muçulmana, se unem em um gesto de solidariedade que rompe com a espiral de ódio e violência, criando pontes que atravessam os abismos da desigualdade e opressão. Destruido pelo exército israelense no início dos anos 2000, seria reconstruído como Teatro da Liberdade – em memória às suas mães – por Juliano Mer Khamis e Zakaria Zubeidi.

A peça é fruto do encontro de artistas de ascendência árabe e judaica investigando juntos modos de criação coletiva e as relações entre arte e política. As histórias de vida de algumas instigantes figuras que viveram as ex-

periências de teatro comunitário e resistência cultural no campo de refugiados de Jenin são o fio condutor do espetáculo. “Fazemos uma investigação cênica que, ao abordar os conflitos entre Israel e Palestina, trata de questões sensíveis ao Brasil contemporâneo”, explica a codiretora Adriana Schneider.

## SERVIÇO

**UM PÁSSARO NÃO É UMA PEDRA**  
Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua do Humaitá, 163\_ Até 25/8, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)  
Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia) e R\$ 50 (ingresso duplo em dinheiro)

# Nasce um novo palco carioca

O primeiro teatro de rua do Recreio dos Bandeirantes foi inaugurado no último sábado (3). Administrado pelo ator Luiz Antônio do Nascimento, o Buscapé de “O Cravo e a Rosa”, a localização do Teatro Moral da História foi escolhida com o objetivo de inserir a Zona Oeste do Rio no circuito cultural carioca e facilitar o acesso de moradores da região a lazer e entretenimento de qualidade.

A programação contará com espetáculos e stand ups, além de oficinas gratuitas de teatro e interpretação para TV. “A Zona Oeste é a região mais populosa da cidade, mas a cena cultural é concentrada na Zona Sul. O Moral da História chega no Recreio exatamen-

te para mudar essa situação e garantir acesso à cultura para pessoas que muitas vezes têm esse direito negado”, afirmou o diretor artístico Luiz Antônio do Nascimento.

O teatro possui capacidade para 60 pessoas, com assentos adaptados para pessoas com deficiência, e palco em formato italiano. Os primeiros espetáculos em cartaz serão: “Desfazendo Ideias”, stand up comedy com Felipe Ferreira, viral nas redes e uma das principais revelações do humor brasileiro, o clássico infantil “Os Saltimbancos” e “Pela Estrada Afora”, musical sobre a Chapeuzinho Vermelho com coreografias inspiradas na Broadway.

Em agosto, serão abertas as inscrições



O Moral da História é administrado pelo ator Luiz Antônio do Nascimento

para a oficina gratuita de teatro e interpretação para TV. Com turmas baby, adolescente, adulto e sênior, a escola L2 in Cena, administradora do espaço, incentiva o cadastro de pessoas de todas as faixas etárias. “Bebês a partir de três anos já podem participar das aulas e não tem limite de idade. Nosso objeti-

vo com o Teatro Moral da História é acolher a todos os públicos. Nós estruturamos um espaço inclusivo que seja capaz de atender às necessidades de crianças, idosos, PCDs, adultos e quem mais tiver interesse em aumentar seu repertório cultural”, afirmou a produtora e cineasta Lívia Santhiago.

Dono de um ouvido absoluto, músico tocou com grandes nomes da MPB e conquistou o Brasil com sua alegria no Domingão do Faustão

Por **Henrique Artuni**  
(Folhapress)

**M**orreu na madrugada desta segunda-feira (5) o músico e compositor Rubens Antônio da Silva, mais conhecido como Caçulinha, que se tornou célebre por fazer a trilha do Domingão do Faustão por mais de 20 anos. Ele tinha 86 anos e se recuperava de um infarto, há dez dias, no Hospital Sancta Maggiore, em São Paulo.

“Uma vida de dedicação à música popular brasileira. O maestro, com ouvido absoluto, que tocou com os grandes artistas, gravou mais de 30 discos e divertiu muita gente por 60 anos na televisão, deixa um legado imenso de amor à arte”, afirma a nota.

Nascido em Piracicaba, no interior paulista, em 1938, foi criado numa família musical, herdada do pai, Mariano de Silva, compositor sertanejo de sucesso na região, que formou com o irmão Caçula, tio de Caçulinha, a primeira dupla sertaneja a gravar disco no Brasil. Após o tio desistir da carreira para se dedicar à fazenda, pai e filho tocam como o duo Mariano e Caçulinha.

Aos oito anos, já tocava acordeão, e exibia sua habilidade com o ouvido absoluto - capaz



*Caçulinha e seu inseparável acordeon: o músico, que tocou com Elis Regina, João Gilberto e se tornou popular durante mais de 20 anos atuando como diretor musical do programa dominical do apresentador Fausto Silva*

# Morre Caçulinha, músico versátil e carismático, aos 86

de identificar ou recriar qualquer nota mesmo sem tom de referência. Aos 20, já se apresentava na noite paulistana entre o piano, violão, acordeão e escaleta.

Foram mais de 30 discos gravados - o primeiro solo em 1959; o último, em 2019, para celebrar os 60 anos de carreira na música e na televisão - e colaborações com nomes como Luiz Gonzaga, como na música “Sabido”, e “Arrasta-pé na Tuia” em conjunto com Lourival dos Santos e a valsa “Primeiro Amor”.

Ao longo da carreira, acompanhou também músicos como Dominginhos, Gonzaguinha, Roberto e Erasmo Carlos, João Gilberto, Simonal, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia e Milton Nascimento.

Antes do Domingão do Faustão, que deu a ele projeção sem igual por fazer a trilha sonora ao vivo por 20 anos, sua carreira esteve ligada à TV desde os anos 1960, quando foi contratado pela Record para para par-

ticipar do programa Fino Trato, apresentado por Elis Regina e Jair Rodrigues. Na emissora, faria ainda Esta Noite se Improvisa e Bossaudade.

Nos anos 1980, foi para a Bandeirantes com o programa Caçulinha Entre Amigos, seguido do Perdidos na Noite, apresentado por Fausto Silva. Essa parceria se estenderia com a ida do apresentador à Globo, a partir de 1989. Caçulinha permaneceu no programa até 2009, quando foi demitido do progra-

ma após, segundo publicou a Folha na época, ter feito críticas ao próprio Faustão, sobre o programa.

Durante o período na emissora, de onde seria desligado em 2014, fez também músicas incidentais no humorístico Sai de Baixo. De lá, foi para a Gazeta, acompanhando Ronnie Von em Todo Seu, com o quadro “Causos e Canções”, contando histórias conforme tocava ao piano. Deixou a emissora paulistana em 2019.

Série animada na Amazon, novos gibis, série do Pinguim e um projeto de longa agitam o legado do Homem-Morcego na cultura pop

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**D**o fim de semana para cá, fãs de quadrinhos não arredam pé do Amazon Prime, onde Bruce Timm, bamba da animação, agita o streaming com a série “Batman: Cruzado Encapuzado”, embalada num visual de filme noir. Paralelamente, a MAX (ex-HBO) faz uma campanha pesada para a estreia da série do Pinguim, agendada para setembro. Já em bancas brasileiras, a editora Panini aquece as vendas do herói ao lançar o encadernado “Europa”, reunindo artistas como Brian Azzarello, Giuseppe Camuncoli, Jim Lee e Matteo Casali. Toda essa movimentação amplia a expectativa por “Batman 2”, que o cineasta Matt Reeves prepara para 2026, com Robert Pattinson no papel principal. Com isso, o original, de 2022, amplia sua visibilidade no streaming, em especial agora que o sucesso de “Deadpool & Wolverine” dá um novo frescor ao cinema de super-heróis, que vinha em crise.

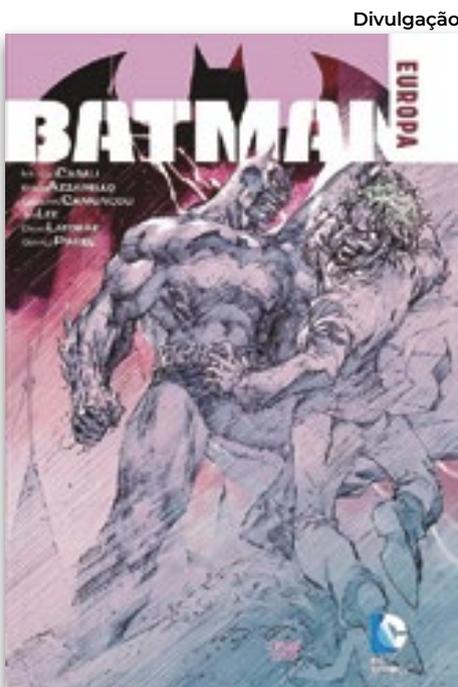
Fracassos sazonais na venda de ingressos, como se viu com “The Flash” e “Quantummania” deram indícios de que as narrativas de super-herói, baseadas em HQs, estejam perdendo o elo com as plateias. Há um empenho de James Gunn (“Guardiões da Galáxia”) em repaginar o Homem de Aço, mas ninguém sabe o que será do filão. Da mesma forma, “Coringa – Delírio a Dois”, com Joaquin Phoenix e Lady Gaga, escalado para concorrer no Festival de Veneza, pode mudar a situação de tramas baseadas em HQs. Enquanto isso, o Homem-Morcego faz a sua parte para salvar um dos veios mais rentáveis da indústria audiovisual.

Tudo indica que o Sr. Frio será o vilão do novo longa de Reeves, que assina a produção de “Cruzado Encapuzado”. Há um quadrinho sobre a gênese dele,



‘Cruzado Encapuzado’ renova a relação de Batman com a animação pela arte de Bruce Timm

# Holofotes sobre Gotham City



‘Europa’ é um dos principais lançamentos do Homem-Morcego em 2024 nas bancas

publicado pela Panini Comics, hoje nas bancas, e é um achado, assim como os especiais da mesa editora sobre o Pinguim e o Duas-Caras. Para além dessas leituras, é

obrigatório dar uma conferida atenta no trabalho que Reeves fez em sua incursão por Gotham City há dois anos. Tá na já citada MAX.

A partir de uma geografia idealizada nos gibis em, 1939, por Bob Kane e Bill Finger, os pais do Homem-Morcego, Reeves reinventou as apresentações do herói, flertando com um legado de suspense sombrio típico dos anos 1990. O Cruzado Encapuzado da revista “Detective Comics” do fim dos anos 1930 pouco se assemelha com a versão cheia de angústias existencialistas proposta por um Robert Pattinson em estado de graça, sob a batuta do realizador de “Planeta dos Macacos: A Guerra” (2017). O herói das HQs, em sua gênese, era já um vingador, mas estava bem-resolvido com sua sina, sua herança. O Bruce Wayne do sombrio “The Batman”, ao contrário, vive em conflito consigo... e com sua conta bancária. Leva esse conflito às ruas. No Brasil, seu brado – “Eu sou a Vingança!” – ganhou um tônus extra com a dublagem de Wendel Bezerra.

Agonias variadas acoçam a Gotham de Reeves, a começar pela onda de assas-

sinatos brutais, com vítimas evisceradas. As mortes supostamente foram deflagradas por um psicopata que usa o nome de Charada. Essa figura é vivida por um Paul Dano nas raias do esplendor. Não se tratam de crimes caricatos como aqueles do seriado do Batman, com Adam West e Burt Ward, dos anos 1960. A fim de tratar filmes egressos de quadrinhos com seriedade (e enlevo estético), Reeves cria uma atmosfera de suspense mórbida, similar à do cult “Se7en” (1995) e dá a seu Brad Pitt mascarado (Pattinson) um Morgan Freeman peculiar: o futuro comandante Gordon, vivido por um Jeffrey Wright na mais pura precisão. Dali nasce um thriller policial sobre o quanto a vingança nunca é plena, mata a alma e envenena, com absoluto domínio de rimo e cenas de ação em puro frenesi. Vale um destaque para a presença de John Turturro no papel do mafioso que legisla sobre as negociatas de Gotham. Sua bilheteria beirou US\$ 770 milhões.

Acerca de “Cruzado Encapuzado”: quem dubla Bruce Wayne/Batman é Márcio Seixas, que fez sucesso dublando o vigilante em desenhos dos anos 1990.